

Neologia de importação no português europeu: desafios e medidas a tomar

Organizadoras:

Margarita Correia e Ana Mineiro
FLUL / ILTEC / AiT e FCT / ILTEC / AiT

No mundo globalizado em que vivemos, o contacto de línguas é um facto incontornável. Uma das manifestações desse contacto é o fenómeno de transferência de unidades lexicais de uma língua para outra. Se é certo que essa transferência é significativa no que respeita às unidades da língua corrente, não é menos certo que, ao nível das linguagens de especialidade, o contexto político e económico mundial, no quadro da globalização, é responsável pela transferência de inúmeros termos científicos e técnicos de línguas faladas em estados de maior poderio económico e, conseqüentemente, também científico e tecnológico, para línguas de estados menos poderosos. Dada a posição ocupada actualmente por Portugal e pelos países lusófonos no contexto internacional, a entrada de empréstimos, particularmente da língua inglesa, no português é, nos dias que correm, portanto, inevitável.

A discussão sobre a integração de empréstimos no português é, a par da discussão das questões ortográficas, uma das mais acesas discussões em Portugal, levada a cabo, frequentemente, de forma inflamada, pouco reflectida e cientificamente pouco informada, como ficou bem evidenciado quando da publicação do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, vulgarmente conhecido como o “Dicionário da Academia”, em 2001, que procedeu à introdução na sua nomenclatura de inúmeros empréstimos, propondo em muitos casos o seu aportuguesamento ou o seu decalque.

Carecemos, portanto, de uma discussão serena e informada, razão pela qual propusemos a realização desta mesa-redonda para o *XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, com o objectivo de discutir a integração de palavras importadas no Português Europeu, tendo em vista a determinação de critérios a adoptar nessa integração. As questões debatidas nesta mesa-redonda e as suas conclusões serão incorporadas nos trabalhos do projecto *ONP – Observatório de Neologia do Português*, que tem como um dos seus objectivos a produção de propostas de integração dos neologismos de importação para o português.

Serão questões a discutir nesta mesa-redonda as seguintes:

- a) É necessário regular a entrada de neologismos de importação? Se sim, porquê?
- b) Quem deveria proceder a essa regulação: a Academia das Ciências de Lisboa? As Universidades? Outra instituição?
- c) Deverá proceder-se do mesmo modo em relação a palavras da língua corrente e em relação a termos científicos e técnicos?
- d) Deverá haver concertação entre organismos representantes de diferentes países de língua oficial portuguesa nas tarefas de harmonização de palavras importadas?

e) Quais os critérios para harmonizar as palavras importadas e como pô-los em prática? Que adaptações (fonéticas, morfológicas, ortográficas, semânticas) deverão sofrer as unidades lexicais importadas em nome da defesa da língua?

f) O que foi feito e como foi feita essa regulação noutras línguas românicas, tais como o galego ou o francês?

Para a discussão destes temas, convidámos as individualidades em seguida apresentadas, cuja presença muito agradecemos:

- João Malaca Casteleiro, professor catedrático do Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e director do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa, no âmbito do qual foi realizado o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, já referido;

- Manuel González González, professor catedrático da Universidade de Santiago de Compostela, membro da Real Academia Galega e presidente do Termigal;

- Jean-François Sablayrolles, maître de conférences da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot, que tem desenvolvido toda a sua actividade de investigação no domínio da neologia, particularmente a de língua corrente, encontrando-se, neste momento, a coordenar a instalação do Observatório de Neologia do Francês e a representar esta língua no âmbito do projecto NeoRom (Neologia das Línguas Românicas);

- Almerinda Evangelista e Gonçalo Nuno Ferreira, respectivamente da Direcção de Informação, Desenvolvimento e Inovação e do Serviço de Normalização, do Instituto Português da Qualidade, entidade responsável em Portugal pela normalização, designadamente a normalização terminológica;

- António J. Lavouras Lopes, docente do Ensino Secundário, durante vários anos colaborador da Academia das Ciências de Lisboa na área do recenseamento de neologia e, actualmente, doutorando na área da Sociolinguística, a desenvolver investigação no domínio da integração das palavras importadas em Portugal.

As intervenções dos convidados, com excepção da de João Malaca Casteleiro, serão apresentadas pela ordem por que foram anteriormente mencionados.

Intervenção de Manuel González González

Quixera agradecer, antes de nada, a Margarita Correia e a Ana Mineiro o convite que me fixeron para participar neste encontro da APL e, em particular, nesta mesa redonda sobre un tema coma o da neoloxía, tan actual pero tan complexo, sobre o que existen visións distintas, ás veces mesmamente antagónicas. E, dado que non estamos sobrados de tempo, paso xa a expoñer brevemente as miñas ideas sobre os puntos de reflexión que a coordinadora da mesa nos suxeriu.

A. É necessário regular a entrada de neologismos de importação? Se sim, porquê?

Rotundamente SI. Existen linguas especialmente produtoras de terminoloxía e linguas receptoras. A medida que entran novos obxectos e novos conceptos entran

tamén voces doutras linguas que os designan. A incorporación de voces espurias pódese aceptar, pero dentro de certos límites, dentro da capacidade de dixerir que ten unha lingua. Como norma, eu diría que a entrada indiscriminada e incontrolada de neoloxismos de importación non é desexable por distintas razóns:

a) Porque se tendería á uniformidade léxica. Alguén pode pensar que este camiño cara á uniformidade léxica é o que se debe seguir, xa que isto tería a vantaxe de facilitar a intercomprensión entre as linguas, polo menos nas chamadas linguas de especialidade. Pero unha política deste signo encerra un serio perigo: atentaría tamén a longo prazo contra a preservación da identidade das linguas. Este perigo é máis grave cando se trata de termos incorporados masivamente de linguas próximas entre si, e convértese nun problema case de supervivencia naqueles casos en que hai unha relación social de dependencia da lingua receptora con respecto á lingua exportadora.

b) Ademais non podemos esquecer que, en contra do que se di sobre a arbitrariedade do signo, esta non é absoluta: as novas denominacións responden case sempre a algunha razón, e por debaixo delas adoita estar unha maneira particular de ver o mundo; visión propia do mundo que se desvirtúa cando admitimos o estranxeirismo de maneira indiscriminada. Se queremos preservar a personalidade das nosas linguas, debemos tratar de dar resposta con voz propia ás necesidades denominativas e expresivas da nova sociedade, e particularmente do mundo da ciencia, da técnica e das actividades especializadas.

c) A incorporación masiva de voces foráneas presenta tamén a miúdo problemas no plano fonético e morfolóxico das linguas receptoras, que debemos tratar de evitar na medida do posible. Calquera falante dunha lingua coma o galego, o portugués ou o castelán recoñece que voces como *kopeck*, *sputnik*, *stick*, *anorak*, *record*, *apartheid*, *nabab*, *snob*, *frac*, *crac*, *clip*, *kirsch*, *mach*, *sketch*, *footing*, *leasing*, *smoking*, *slalom*, *flirt*, *cricket*, *croissant*, *confort*, *sketch*, etc. resultan estrañas para o sistema gráfico, para o sistema fonolóxico ou para o sistema morfolóxico destas linguas. O galego, por ex., non coñece ningunha palabra patrimonial que finalice graficamente en *-k*, *-ck*, *-rd*, *-d*, *-b*, *-c*, *-p*, *-ch*, *-tch*, *-ng...*; e, dentro da súa fonotáctica, é imposible unha sílaba final de palabra como as que aparecen, por exemplo, en *sketch* ou en *flirt*. A incorporación de voces deste tipo supón frecuentemente un dobre tipo de ruptura fonolóxica. Unhas veces, forza a estrutura silábica da lingua propia, facendo aparecer no seu prenúcleo ou no posnúcleo consoantes ou combinación de consoantes que non son posibles nas palabras patrimoniais (por ex., na fonotáctica do galego nunca pode aparecer no posnúcleo da sílaba un grupo tautosilábico *rt*, coma o que aparece en *confort*). Outras veces, pode existir na lingua receptora a composición silábica, pero non na distribución con respecto ao acento que aparece no estranxeirismo: por ex., en galego son frecuentísimas, o mesmo ca no portugués, as sílabas cun ditongo decrecente; pero este tipo de sílabas nunca pode aparecer en posición átona final de palabra. Cando se introduce unha voz doutra lingua portadora dun ditongo átono en final de palabra, estamos forzando a estrutura fonolóxica do galego. E non é necesario insistir nos problemas de tipo morfolóxico que xeran estas estruturas inexistentes na lingua receptora en final de palabra: en galego todos dubidamos como temos que facer o plural

de *snob*, *record* ou *confort*, e unhas veces optamos por *snobs*, *records*, *conforts*, mentres que outras o facemos por *snobes*, *recordes*, *confortes*; e mesmo por *snos*, *recors*, *confors*.

d) O problema do neoloxismo de importación existiu sempre, pero nunca resultou tan preocupante como na actualidade, porque afectaba a un número relativamente reducido de palabras, que pouco a pouco se ían progresivamente inserindo e adaptando ao sistema da lingua; e, na maioría dos casos, tratábase de termos que raramente traspasaban o ámbito das linguas de especialidade. Pero hoxe o problema é moito máis serio, porque o número de préstamos doutras linguas é realmente moi alto, e existe ademais un problema engadido: moitos destes termos que penetran a través dunha lingua de especialidade, ao pouco tempo, pasan a formar parte da lingua común, xa que cada vez é máis frecuente o trasvasamento de voces de determinadas linguas de especialidade á lingua xeral: pensemos por exemplo, na difusión que están acadando certas palabras do campo da informática: *software*, *hardware*, *link*.

B. Quem debería proceder a essa regulación: a Academia das Ciéncias de Lisboa? As Universidades? Outra institución?

O que parece claro é que debe existir unha regulación da entrada de neoloxismos de importación. Pero cál debe ser o organismo que exerza esa función depende da situación de cada país, e mesmo do ordenamento xurídico-lingüístico que posúa.

No caso de Galicia é moi simple. A Lei de Normalización Lingüística establece que a Real Academia Galega é a institución encargada de velar pola corrección e actualización da lingua galega. Parece claro que a terminoloxía hai que encadrala dentro do proceso de actualización do corpus dunha lingua.

Pero non podemos obviar que as demandas terminolóxicas son extraordinariamente dinámicas, e esixen unha dedicación que dificilmente pode soportar o funcionamento habitualmente lento e pesado dunha Academia. Por iso é conveniente a creación dun organismo máis especializado que se ocupe de maneira exclusiva dos traballos de carácter terminolóxico.

Con esta finalidade en Galicia creouse TERMIGAL (Servizo galego de terminoloxía científico-técnica), mediante un convenio entre a Real Academia Galega e a Dirección Xeral de Política Lingüística do Goberno Galego.

Os traballos de terminoloxía sectorial ou terminoloxía sistemática son elaborados por grupos de traballo integrados por terminólogos e especialistas da área de que se trata. E dentro destes grupos teñen un peso importante, por ex., profesores universitarios, como o teñen profesionais coñecedores de calquera sector de especialidade.

As propostas destes grupos de traballo que, nalgúns casos, mesmo poden ser externos ao propio Termigal, pasan por unha comisión de validación, da que forman parte con carácter permanente tres académicos (neste momento, dous son lingüistas e un terceiro é dunha rama científica, en concreto biólogo), un xurista, o director de Termigal, e, con carácter variable, un especialista de recoñecido prestixio da área de

especialidade dos termos que se avalían en cada momento. Desta maneira garántese o dinamismo do traballo e salvagárdase a auctoritas da RAG.

C. Deverá proceder-se do mesmo modo em relação a palabras da língua corrente e em relação a termos científicos e técnicos?

A entrada de neoloxismos na lingua común presenta algúns problemas semellantes aos da terminoloxía, pero tamén certas peculiaridades diferenciadas. Normalmente a lingua común é un espello moito máis transparente da vida social de cada momento do que é a lingua de especialidade. A lingua de especialidade debe ter como finalidade fundamental asegurar a comunicación especializada, e a comunicación especializada é sempre moito máis precisa que a comunicación informal. Por iso a actuación sobre os neoloxismos da lingua común non esixe o control regrado dun organismo encargado de velar pola corrección lingüística. Moitos termos novos, que entran a través da lingua xergal ou de calquera moda, poden circular bastante tempo sen necesidade de regulación “académica”, e podemos esperar a ver como se implantan na sociedade. En moitos casos tratarase de voces de carácter efémero, que moi pronto pasarán de moda; noutros casos adquirirán carácter permanente, e serán voces que se irán integrando progresivamente na lingua. Só cando acaden un determinado nivel de integración é cando as autoridades académicas se deben pronunciar sobre elas, admitíndoas como voces normais ou ben propoñendo adaptacións

D. Deverá haver concertação entre organismos representantes de diferentes países de língua oficial portuguesa nas tarefas de harmonização de palabras importadas?

No que se refire á terminoloxía especializada, considero que si, porque é desexable a unificación terminolóxica en todos os países que falan unha mesma lingua. Non é difícil imaxinar os problemas que produciría que na etiqueta da composición dun produto farmacéutico, en cada país de fala española ou de fala portuguesa, se optase por unha denominación distinta para cada un dos elementos.

En cambio, non considero tan necesaria a unificación noutro tipo de palabras importadas. Unhas entrarán nun país, outras non; unhas adaptaranse popularmente dunha maneira, e outras doutra diferente. Estas lixeiras variacións son naturais e mesmo pode ser boas, ao reflectiren determinados gustos ou tendencias de cada país, sen poñeren en perigo a unidade da lingua.

E. Quais os critérios para harmonizar as palabras importadas e como pô-los em prática? Que adaptações (fonéticas, morfológicas, ortográficas, semânticas) deverão sofrer as unidades lexicais importadas em nome da defesa da língua?

Tal como está formulada a pregunta, o problema límitase á adaptación das palabras importadas. Pero en realidade, é máis profundo. Trátase de estar atento ás necesidades comunicativas das distintas linguas de especialidade en cada momento. E isto esixe un

traballo continuado, porque os avances da ciencia e da tecnoloxía en todas as áreas neste momento prodúcense a velocidade de vertixe.

Aínda que os novos conceptos e os novos obxectos veñan expresados sempre por unha denominación, xeralmente a da lingua que os creou ou ben o inglés, non sempre será recomendable adoptar esta denominación e integrala na lingua. Haberá veces que hai que facelo, pero non sempre.

O primeiro paso previo ao estudo de calquera denominación é establecer con precisión o significado exacto daquilo que se está tratando. A partir de aí pódense seguir moitas estratexias de abordaxe. Unha delas podería ser a seguinte, que é a que habitualmente seguimos en TERMIGAL:

1. Exame dos candidatos que foron xa utilizados (se o foron algunha vez).

É necesario facer unha *avaliación* de cada un destes candidatos:

a) Desde o punto de vista formal: adáptase ben á fonética, morfosintaxe, grafía... do galego? Permite a formación de derivados?

b) Desde o punto de vista semántico: ten problemas de polisemia que o desaconsellan? É transparente de acordo coa súa composición?...

c) Desde o punto de vista pragmático: é un termo facilmente utilizable en todos os contextos? Existe algún inconveniente que faga prever que non será aceptado polos posibles utilizadores? É intuitivo e facilmente comprensible para o nivel de especialidade no que se vai usar?

d) Presenta congruencia co tipo de formación que presentan as demais linguas nas que xa está instaurado?.

2. Se non existen candidatos ou estes foron valorados negativamente, daquela é necesaria unha creación neolóxica, que pode facerse por 2 camiños:

2.1. Polo camiño da neoloxía de formación propia.

2.2. Polo camiño da neoloxía do préstamo.

A neoloxía de formación propia

Dentro da neoloxía de formación propia englobamos tanto a neoloxía de sentido como a neoloxía formal. Falamos de neoloxía de **sentido** cando botamos man dunha voz xa existente e a dotamos de contido novo. En cambio, a neoloxía **formal** esixe a creación de novas denominacións, seguindo os procedementos habituais de formación de palabras (derivación, composición, sintagmación e compresión). Este procedemento é especialmente recomendable:

- cando se trata de nomear un concepto nacido no ámbito da lingua propia: *fraguismo, beirismo*;

- cando nas outras linguas importantes se recorreu a mecanismos autóctonos de formación de palabras para denominar o concepto sobre o que traballamos.

A neoloxía de préstamo

Dentro da neoloxía de préstamo inclúo tanto o préstamo propiamente dito coma o *calco*.

a) O **calco** é un procedemento habitual cando na lingua fonte o termo se formou aproveitando unha denominación previamente existente ou combinando dúas ou máis para formar unha nova unidade. Por ex.:

'operación de identificación e de escolla de clons'

EN *screening*, FR *criblage*, ES *cribado* -----> GL *peneirado*

b) O **préstamo**. Neste caso débese buscar a adaptación ás pautas ortográficas, ortofónicas e morfosintácticas de lingua receptora. Ás veces non é posible nin fácil; pensemos, por exemplo, nos casos de voces derivadas de nomes propios (*trotskismo*) ou marcas rexistradas (*jacuzzi* ou *maizena*), nas que parece natural conservar a súa forma orixinal, pero que ás veces non se adapta á fonotáctica nin ás pautas ortográficas da lingua receptora.

Intervención de Jean-François Sablayrolles

Comme beaucoup d'autres langues, le français est confronté au problème des emprunts. Si le phénomène est naturel et existe dans toutes les langues, l'expansion des anglicismes dans la 2^e moitié du XX^e siècle a été sentie comme une menace et a suscité un certain nombre d'actions, peut-être plus organisées pour le français que pour d'autres langues européennes.

Les questions soumises aux participants de cette table ronde présentent des aspects institutionnels (faut-il réguler l'entrée des emprunts, qui doit le faire, et en concertation avec qui ?) et des aspects linguistiques (comment peut-on procéder et doit-on procéder de la même manière en langue générale et en domaines de spécialité ?). Je m'efforcerai de répondre à ces questions à propos de la situation du français, en commençant par les aspects institutionnels et en terminant par les aspects linguistiques.

1. Faut-il réguler ?

La politique d'aménagement de la langue qui s'est développée officiellement à partir des années 60, montre que s'était fait sentir la nécessité de ne pas laisser libre cours aux anglicismes. Elle relayait des actions de la société civile qui avait été sensible plus tôt à ce problème et elle a connu des inflexions, passant d'un repli frileux de défense du français à la promotion de la diversité des langues et du plurilinguisme.

Quelles raisons a-t-on donc de réguler les emprunts et d'aménager la langue ? Elles sont diverses. B. Quemada, en juin 2002 à Rome, disait nécessaire de permettre aux langues « de sauvegarder leurs fonctionnalités ainsi que de penser et d'exprimer la modernité ». Si elles y échouaient, on serait en effet conduit à s'exprimer dans d'autres langues. Les emprunts constituent par ailleurs une solution de facilité qui bride la

créativité lexicale d'une langue et conduit inéluctablement celle-ci à son déclin. En trop grand nombre, les emprunts modifient les systèmes phonologique, morphologique, graphique de la langue et nuisent à la nécessaire stabilité de ces systèmes dans le temps, sous peine de ne plus comprendre le patrimoine écrit ou oral. Ils arrivent aussi à concurrencer et supplanter sans raison des mots français. Pourquoi remplacer *bases* par *fondamentaux* sous l'influence de l'anglais *fundamentals*? Un présentateur de télévision voulant remplacer le syntagme *faire un break* qu'il vient d'employer est incapable de trouver les tournures françaises *faire une pause*, *suspendre notre activité*, *nous arrêter momentanément*, *passer temporairement à autre chose*, etc. (anecdote rapportée par M. Pergnier).

2. Qui régule l'emprunt et qui doit le faire ?

Traditionnellement l'Académie française, aréopage d'écrivains qui n'a pas porté de linguiste en son sein depuis longtemps, joue le rôle de « greffier de l'usage », mais du bon usage, d'un certain usage littéraire et s'occupe de la langue générale. Son dernier dictionnaire complet date toutefois de 1935. Les domaines de spécialité étaient laissés à des initiatives privées, à des professionnels comme le Comité d'étude des termes techniques français créé en 1954 par deux ingénieurs avec le soutien de l'entreprise Gaz de France.

Depuis 1966 les pouvoirs publics ont développé une politique linguistique en créant diverses institutions placées sous l'égide du Premier ministre et qui ont évolué au cours des années : d'abord le Haut Comité pour la défense et la diffusion du français, avec un Commissariat Général. En 1971, la mention « pour la défense et la diffusion » est supprimée. En 1989, cette institution devient le Conseil Supérieur de la Langue Française, qui comporte plus de linguistes, en même temps qu'est créée la Délégation Générale à la Langue Française qui sera rattachée au ministère de la culture en 1993, et qui est devenue la Délégation Générale à la Langue Française et aux Langues de France (DGLFLF).

L'action de l'État s'est également concrétisée par le soutien à divers organismes parapublics (comme le CILF : Conseil International de la Langue Française) et par la promulgation de deux lois (Bas-Lauriol en 1975 et Toubon en 1994, les premières en matière de langue depuis l'édit de Villers-Cotterêts, en 1539). Elles régissent l'emploi de la langue et défendent les usagers. Mais elles ont eu pour conséquence de légitimer deux usages : les Pouvoirs publics et l'administration doivent utiliser la terminologie officielle, alors que les particuliers et les communicateurs sont libres d'employer les mots de leur choix.

En 1996 un arrêté confirme le rôle dévolu à l'État en matière de néologie et de terminologie et étend le rôle de l'Académie française à toute la langue : c'est à son approbation que sont soumises les propositions des dix-neuf actuelles Commissions Ministérielles de Terminologie après avoir été entérinées par la Commission Générale de Terminologie et de Néologie. Ces commissions sont constituées de spécialistes des domaines concernés et de linguistes. Malgré un travail important de concertation, les quinze Commissions en action entre 1980 et 1993 n'ont proposé que 1500 termes.

Dans sa communication au colloque de l'ASL en novembre 2003, B. Cerquiglini a vigoureusement plaidé pour l'attribution aux linguistes de la politique linguistique. Je le cite : « À la question « faut-il confier à des linguistes la politique linguistique ? », il convient de répondre de façon positive, par principe. Et cela pour deux raisons. L'absolue nécessité, tout d'abord, de fonder cette politique sur des savoirs » qu'il oppose à des représentations de la langue empreintes de purisme et d'idées fausses chez nos concitoyens. Il continue ainsi : « La seconde raison peut sembler audacieuse, et traduire un esprit de corps, nous l'exprimerons cependant avec force. La politique linguistique doit être confiée à des professionnels [...] et ces professionnels, ce sont les linguistes. »

Doit-on chercher un consensus avec d'autres pays, d'autres langues ? Longtemps repliée sur elle-même, la France a compris que l'avenir du français ne la concernait pas seule, mais impliquait aussi tous les pays francophones et que c'est par la francophonie qu'il passerait. Des liens ont été tissés avec le Québec, puis il y a eu, en 1986, la création du RINT (Réseau International de Néologie et de Terminologie) associant quinze pays francophones.

Des collaborations avec les autres langues romanes se sont développées ultérieurement, au sein de Realiter depuis 1993 par exemple, et le projet Neorom (d'étude de la néologie dans les langues romanes) lancé par Térésa Cabré commence à se concrétiser.

Ces coopérations sont fructueuses et doivent être poursuivies et accrues.

3. Doit-on traiter identiquement la langue courante et les domaines de spécialités ?

Même si la frontière entre langue générale et domaines de spécialités n'est pas toujours nette et que nombre de termes se divulguent largement, il me semble nécessaire de distinguer les deux, au moins dans les types de solutions à adopter vis-à-vis des emprunts. Les termes, très nombreux mais utilisés par un nombre restreint d'usagers ont pour fonction de définir précisément des concepts, avec parfois des conséquences juridiques. Ils doivent être descriptifs et pour cela peuvent être très longs. La fonction des mots de la langue courante est celle de la communication et de l'interaction entre les hommes. Les mots n'ont pas besoin d'être aussi précis et descriptifs, mais ils se doivent d'être brefs. C'est par méconnaissance de ces différences que Michel Serre, grand intellectuel au demeurant, récrimine contre les termes *transfert cellulaire* ou *réseau radioélectrique à ressources partagées* parce qu'ils ne peuvent pas être adoptés par le public. Le président de la Commission Ministérielle des Télécommunications répond à M. Druon, par qui avaient transité ces remarques, que « [s]es collègues sont conscients de la lourdeur de certains termes adoptés, mais ils n'oublient pas que les termes figurant dans l'arrêté doivent servir de référence pour les désignations officielles, en particulier dans les contrats et notices, et qu'en conséquence, ils doivent être précis et ne peuvent pas souvent devenir des mots populaires » (cité par L. Depecker 2001, p. 441). C'est une erreur du même type que commettait quelqu'un fustigeant un prétendu manque d'esprit scientifique des Français qui appellent *portables* et non *cellulaires* certains types de téléphones. C'est en effet confondre la fonction descriptive des termes et les

dénominations fondées sur les rapports que les gens établissent avec les objets de leur vie quotidienne. L'important en l'occurrence, c'est qu'à la différence d'un téléphone fixe, on peut l'(em)porter avec soi.

4. Quels sont les moyens dont dispose la langue dans la régulation des emprunts ?

Les moyens sont divers, et on peut établir une sorte d'échelle qui va de la citation pure et simple aux solutions de substitution, en passant par divers degrés d'adaptation.

Il est opportun de laisser l'emprunt tel quel quand il est bien enraciné. Cela fait plus d'un siècle que les puristes s'acharnent, en vain et de manière absurde, contre *week end*, importé en même temps que la *semaine anglaise*.

L'adaptation des emprunts est une solution viable dans un certain nombre de cas. Elle affecte :

- la prononciation : *interview* avec une voyelle nasalisée dans la première syllabe, *square* [skwar] emprunt en retour de l'a.fr *esquare*,

- la graphie : *roquette* (*rockett*), on voit parfois écrit *la presse pipole* pour *people*,

- la morphologie : verbale, *forwarder* (de *to forward*) ; ou nominale en attribuant un genre : *bogue* masculin (*bug*), *interface* fixé au féminin, ou en régularisant la formation des pluriels : *lieds* à côté de *lieder* pour le pluriel de *lied*, *superwomans* à côté de *superwomen* pour celui de *superwoman*.

Malgré ces adaptations, qui restent parfois partielles, les emprunts peuvent présenter des discordances avec le système, et à terme le modifier. C'est vrai en particulier de distorsions entre la graphie et la prononciation comme -ee- = [i] dans *meeting* par exemple. Pour éviter ces influences, qui ne sont peut-être pas toutes néfastes, on peut enfin recourir à des solutions de remplacement.

Les unes ne créent pas, apparemment, de nouveau signifiant. C'est le cas de :

- la reprise d'un mot existant : *épinglette* pour *pin's*, *bases* pour *fundamentals*, etc.,

- la traduction pure et simple (calque sémantique) : *souris* pour *mouse* (en informatique),

- ou les néologismes homonymiques : *enjambement* pour *crossing-over* (chromosomes), bien éloigné du terme de métrique (l'unité syntaxique déborde l'unité rythmique du vers).

D'autres créent de nouveaux signifiants, et dans tous ces cas, il y a néologie formelle. Ces créations se font selon les différentes matrices lexicales du français et elles visent toutes à la semi-motivation : leur sens se déduit, en partie, des éléments entrant dans leur composition. On peut distinguer :

- la création d'un dérivé : *transbordeur* sur *transborder* pour *ferry(-boat)* (recommandé, mais peu utilisé), *cadreur* sur *cadrer* pour *caméraman*, etc.,

- la création d'un dérivé sur un mot vieilli : *bouteur* sur l'ancien *bouter* pour *bulldozer* (n'a pas pris),

- la création par conversion : la *trottine* sur le verbe *trotter* pour le pseudo-anglicisme *footing*. Notons que la multiplication des conversions en français contemporain est sans doute influencée par l'anglais,

- l'emprunt d'un dérivé régional : québécoisme *traversier* (*car-ferry*), etc.,

- la création d'un composé :
 - nom + adjectif : *jeu décisif* pour *tie-break*,
 - nom + nom : *navire-citerne* pour *tanker*,
 - composé par synapsie : *tir de coin* pour *corner*, *gardien de but* pour *goal*, etc.,
- le calque syntaxique : *gratte-ciel* (*skyscraper*), *lune de miel* (*honeymoon*), etc.,
- la création d'un mot savant : *oléoduc* (*pipeline*), *mercaphonie* (*phone marketing*), etc.,
- la création de mots-valises : *Internaute* (*internet* et *-naute* « navigateur »), mais ce procédé se développe en français sans doute sous l'influence de l'anglais.

En conclusion, je voudrais signaler le risque qu'il y a parfois à vouloir à toute fin éviter un emprunt. On a créé en français *ordinateur* là où toutes les langues ont quelque chose qui ressemble à *computer*. L'anglo-latinisme *computeur* n'aurait pas déparé la langue française et ne l'aurait pas ainsi séparée de la plupart des autres langues. La réflexion sur l'aménagement d'une langue gagne à ne pas être solitaire et à être confrontée avec celle menée dans d'autres langues. Et pour cette raison je remercie de leur invitation les organisateurs de cette table ronde.

Bibliographie

- Cerquiglini B. (no prelo) Confier à des linguistes la politique linguistique ? In Ch. Jacquet-Pfau et J.-F. Sablayrolles (éd.) *Actes de la Journée de l'Association des Sciences du Langage (ASL), Mais que font les linguistes ?*, 22 novembre 2003, L'Harmattan. Depecker L. (2001) *L'invention de la langue : le choix des mots nouveaux*. Paris : A. Colin / Larousse.
- Humbley J. (2000) La terminologie. In G. Antoine et B. Cerquiglini (éd.) *Histoire de la langue française (1945-2000)*. Paris : CNRS éditions. 315-338.
- Pergnier M. (1989) *Les anglicismes*. Paris : PUF.
- Quemada B. (2003) À propos de l'aménagement de la néologie et de la terminologie françaises. In G. Adamo et V. della Valle (éd.) *Innovazione lessicale e terminologie specialistiche*. Firenze : Leo S. Olschki, 7-18.
- Sablayrolles J.-F. (2000) *La néologie en français contemporain, examen du concept et analyse de productions néologiques récentes*. coll. Lexica Mots et Dictionnaires. Paris: H. Champion (Slatkine).

Intervenção de Almerinda Evangelista e Gonçalo Nuno Ferreira

Num mundo cada vez mais globalizado, em que as fronteiras se esbatem e a livre circulação de pessoas e bens se assume como uma realidade em constante ampliação, a eficácia da comunicação, através de códigos comuns, é uma necessidade premente e estruturante do nosso quotidiano. Ao actuar como um facilitador, uma linguagem sem

ambiguidades permite uma melhor interacção entre vários grupos de pessoas entre diferentes países ou mesmo dentro da sua própria comunidade linguística.

A actividade terminológica normativa em Portugal poderá assumir um impacto redobrado, se através dos protocolos já existentes, conseguirmos uniformizar uma linguagem técnica no âmbito dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a fim de permitir um maior nível de trocas comerciais e tecnológicas entre os vários Estados. A evolução da linguagem, determinada pelo desenvolvimento tecnológico e do conhecimento, é cada vez mais complexa e rápida, com o surgimento de novas palavras associadas a novos domínios técnicos e científicos, pelo que a normalização da terminologia se afigura como fundamental. A identificação de conceitos, realizada de forma não ambígua, e a sua associação a termos adequados é o papel da normalização da terminologia. Pretende-se, acima de tudo, que vários especialistas utilizem os mesmos termos para falarem do mesmo assunto, ou que utilizem conceitos iguais para designarem o mesmo termo.

A actividade terminológica na Normalização em Portugal tem-se pautado por períodos de grande actividade, nomeadamente nas áreas Electrotécnica e das Tecnologias de Informação. No entanto, muito há ainda a fazer, nomeadamente dinamizar as Comissões Técnicas Portuguesas de Normalização, as quais, por razões várias se encontram desactivadas. A tradução e edição das versões portuguesas do Vocabulário Electrotécnico Internacional (VEI) foi possível graças à participação activa de Portugal no projecto iniciado pela Comissão Electrotécnica Internacional (CEI) e liderado pela CTE 1 (Comissão Técnica Portuguesa de Normalização Electrotécnica), cujo ex-presidente, Eng. Virgílio Cortesão Abelaira, quadro da Electricidade de Portugal (EDP) e do Museu de Electricidade e um dos vogais, o Professor Doutor Hermínio Duarte Ramos, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, foram dos elementos que mais contribuíram para que este conjunto normativo terminológico ganhasse um destaque particular no acervo normativo português. Não porque se considere que esta área do conhecimento seja mais relevante do que outras, mas porque o número considerável de normas publicadas desde 1993 (65 Normas editadas) e o trabalho e dedicação da CTE 1 e de especialistas linguísticos e técnicos envolvidos são, de facto, enorme. É de destacar o apoio e empenhamento do Instituto Português da Qualidade (IPQ) e o Instituto Electrotécnico Português (IEP) na participação portuguesa no VEI, que se traduz na publicação de mais de 25 000 conceitos sob a forma de Normas Portuguesas com a designação genérica “NP 2626”, articuladas em capítulos, como exemplo a “NP 2626-101”, tendo cada número de capítulo três algarismos. Foi apenas em 1990 que a CEI aceitou a língua portuguesa como língua adicional do VEI, sendo que, em 1993, os termos portugueses foram introduzidos nas publicações do VEI da CEI. O português juntou-se assim a um conjunto de edições em 10 línguas. A dinâmica deste projecto continua, no sentido de tornar uma realidade, a prazo, a disponibilização de um CD-ROM, que permita o acesso, a esta área terminológica, a estudantes, projectistas, fornecedores de equipamento e outros profissionais que a ela necessitem de recorrer.

A CT 113 e o Instituto de Informática (I.I.), na pessoa do seu presidente, Dr. José Palma Fernandes, muito têm contribuído para a edificação de uma outra frente terminológica normativa na área das Tecnologias da Informação, nomeadamente no Tratamento de Informação no domínio Informático – série de Normas NP 3003, articulada em 24 capítulos –, fixando termos específicos, traduzindo e/ou adaptando palavras estrangeiras, sempre que possível. A manutenção e adopção dos termos em outras línguas é reduzida, a Comissão tenta, sempre que possível, encontrar um termo em língua portuguesa que traduza o conceito em causa. As Comissões Técnicas das áreas terminológicas são constituídas por peritos técnicos dos domínios envolvidos, por técnicos de normalização e recorrem, sempre que necessário, a documentalistas que em conjunto com os peritos tentam encontrar o termo que mais se adequa a determinado conceito, tendo por vezes de se formar palavras novas recorrendo às etimologias das línguas clássicas.

A inclusão de estrangeirismos ou de neologismos externos de termos como “*byte*”, “*chip*” ou “*software*” no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, edição de 2001, denota o grau de generalização e aceitação destes termos no nosso quotidiano.

A Comissão Técnica sob coordenação da Biblioteca Nacional (CT 7), tem prosseguido um trabalho de vulto, na tradução e adaptação de termos em português, com destaque para a série de quatro Normas NP 4285 – Documentação e informação – traduzindo os termos sempre que possível, com raras excepções, como são os exemplos de termos como “*Mezzotinto*”; “*Gravura a crayon*”; “*crible*” ou “*stencil*”. Nestes casos, a inexistência de termos correspondentes na nossa língua, aliada a uma prática continuada da sua utilização nos domínios específicos a que se referem, tornou estes termos indissociáveis dos conceitos aos quais se referem.

Outra série de normas de terminologia que merece destaque – ‘Segurança contra incêndio’ –, porquanto se reporta a uma área técnica que, em Portugal, assume uma importância crescente, nomeadamente no que respeita aos equipamentos e aos meios de extinção de incêndios, essenciais ao combate mais eficaz de um flagelo que todos os anos assola Portugal. Esta série de Normas Portuguesas foi elaborada no âmbito da CT 46 (Certitecna), sendo o Engenheiro Bouza Serrano o responsável por este Organismo de Normalização Sectorial. Segundo o Engenheiro Manuel Bacelar de Begonha, membro desta CT, a terminologia específica desta área tem sido fixada em português, tendo por referência padrões já existentes em anteriores documentos, sendo depois discutida em reuniões de Comissão Técnica. Estas reuniões integram peritos técnicos das áreas em discussão, os quais, de uma forma empírica, dão o seu contributo para encontrar os termos mais adequados. Inclusive, foi criado, de forma informal, um glossário de termos portugueses na área da Segurança contra Incêndios, no qual se encontram listados os termos já definidos em língua portuguesa, e ao qual a Comissão recorre sempre que necessário. Porém, pontualmente, termos existem em que a língua portuguesa não possui a palavra exacta para definir o conceito em causa, como é o exemplo do recorrente “*sprinkler*”, que segundo a NP 3874:1994 – Segurança contra incêndios – Terminologia – Parte 4: Equipamentos e meios de extinção de incêndios –

corresponde a um “Dispositivo sensível ao calor, concebido para reagir a uma temperatura pré-determinada, libertando automaticamente um fluxo de água repartido uniformemente ao nível do solo, com forma, quantidade e área a irrigar devidamente especificadas”.

Porém, e ainda segundo o Engenheiro Bacelar de Begonha, futuras reuniões de trabalho já agendadas da CT 137, do domínio das Atmosferas em Locais de Trabalho, integrarão peritos técnicos de outras áreas, por forma a tornarem a discussão, quanto aos termos a adoptar, mais inclusiva e, possivelmente mais flexível.

Domínios técnicos como a ‘Soldadura’, os ‘Ensaio não destrutivos’, os ‘Aparelhos de elevação e movimentação’ ou os ‘Combustíveis sólidos – Carvões’, foram, igualmente, objecto de traduções e adaptações, tendo o Instituto Português da Qualidade, na sua qualidade de Organismo Nacional de Normalização, publicado normas de terminologia nestas áreas.

Podemos concluir que a actividade terminológica normativa, numa era marcada pela sociedade de informação, associada à crescente troca de conhecimentos à escala planetária, desempenha, de facto, um papel primordial. Em Portugal, de uma forma crescente, embora ainda não sistemática e idealmente organizada, as Comissões Técnicas de Normalização têm prosseguido um esforço admirável para colmatar a não existência de um acervo exaustivo de terminologia em áreas específicas, porém indispensáveis para o funcionamento de estruturas fundamentais ao desenvolvimento e modernidade do País.

Nota 1

Lista-se, a seguir, uma bibliografia sumária, utilizada no âmbito do trabalho desenvolvido pela CT 113.

Correia, Carlos, *Multimédia de A a Z*, Editorial Notícias, 1997.

Ferreira, A. Miguel, *Internet de A a Z*, FCA, 1998.

ILTEC, *Dicionário de termos informáticos*, Edições Cosmos, 1993.

Milénio, *Dicionário de termos informáticos*, Sporpress, 2001.

Morvan, Pierre, *Dicionário de Informática*, Círculo de Leitores, 1988.

Nota 2

Em www.ipq.pt, poderão encontrar referências a Normas de terminologia, das quais destacamos, entre outras:

- a série NP 2626, no âmbito do Vocabulário Electrotécnico Internacional;
- a série NP 3003, no âmbito dos Computadores e Tecnologias da informação; sendo estas duas séries demasiado extensas para serem listadas;
- a série NP 4285, no âmbito da Informação e Documentação:
NP 4285-1:1998 (1ª Edição)

CT 7

Informação e documentação. Vocabulário. Parte 1: Documentos audiovisuais

NP 4285-2:1999 (1ª Edição)

CT 7

Informação e documentação. Vocabulário. Parte 2: Documentos icónicos
NP 4285-3:2000 (1ª Edição)

CT 7

Informação e documentação. Vocabulário. Parte 3: Aquisição, identificação e análise de documentos e de dados
NP 4285-4:2000 (1ª Edição)

CT 7

Informação e documentação. Vocabulário. Parte 4: Linguagens documentais
- a série NP 3874, no âmbito da Segurança contra Incêndio:
NP 3874-1:1995 (1ª Edição)

CT 46

Segurança contra incêndio. Terminologia. Parte 1: Termos gerais. Fenómenos do fogo.
NP 3874-2:1993 (1ª Edição)

CT 46

Segurança contra incêndio. Terminologia. Parte 2: Protecção estrutural contra incêndio.
NP 3874-3:1997 (2ª Edição)

CT 46

Segurança contra incêndio. Terminologia. Parte 3: Detecção e alarme de incêndio.
NP 3874-4:1994 (1ª Edição)

CT 46

Segurança contra incêndios. Terminologia. Parte 4: Equipamentos e meios de extinção de incêndios.
NP 3874-5:1994 (1ª Edição)

CT 46

Segurança contra incêndio. Terminologia. Parte 5: Desenfumagem (controlo de fumo).
NP 3874-6:1994 (1ª Edição)

CT 46

Segurança contra incêndio. Terminologia. Parte 6: Meios de evacuação e salvamento.
NP 3874-7:1994 (1ª Edição)

CT 46

Segurança contra incêndio. Terminologia. Parte 7: Meios de detecção e supressão de explosões.
- a série NP 3538, no âmbito dos Combustíveis sólidos – Carvões.
NP 3538-1:1992 (1ª Edição)

CT 45

Combustíveis sólidos. Carvões. Terminologia. Parte 1: Termos gerais.
NP 3538-2:1993 (1ª Edição)

CT 45

Combustíveis sólidos. Carvões. Terminologia. Parte 2: Termos usados nas classificações e nas codificações.
NP 3538-3:1993 (1ª Edição)

CT 45

Combustíveis sólidos. Carvões. Terminologia. Parte 3: Termos usados na análise petrográfica.

- e ainda a NP EN 12345:2000, no âmbito da Soldadura, na qual se define uma lista ilustrada multilingue de termos:

NP EN 12345:2000 (1ª Edição)

CT 19

Soldadura

Lista multilingue de termos para juntas soldadas com ilustrações

Intervenção de António J. Lavouras Lopes

O uso crescente dos chamados estrangeirismos justifica bem o conjunto de questões postas nesta mesa-redonda. Vai sendo tempo de os linguistas abandonarem alguns preconceitos e irem além da descrição dos factos. E não só na normalização terminológica, mas também na defesa da língua comum.

O volumoso caudal de elementos estrangeiros deve ser observado e regulado, para que a sua acção seja mais fertilizadora do que perturbadora. Para isso devem existir instâncias adequadas, e não apenas em Portugal, porque todo o espaço intercontinental da língua é objecto dessa fecundação vinda de fora. Cá, a vocação da Academia das Ciências podia e devia ser potenciada, até porque provou finalmente ser capaz de quebrar o enguiço da publicação do Dicionário para todas as letras. A nível da CPLP, o Instituto Internacional de Língua Portuguesa, cuja activação tem vindo a ser adiada, poderia ser o instrumento harmonizador da acção das instâncias nacionais. Há instrumentos, falta vontade política.

A política da língua sobre a neologia de importação não existe. Os instrumentos normalizadores – gramáticas e dicionários – revelam-no, pelas incoerências, hesitações e omissões que os caracterizam.

As duas gramáticas portuguesas de referência publicadas nos finais do século XX, que têm a assinatura de eminentes linguistas como Lindley Cintra e Maria Helena Mateus, passam por cima desta matéria. A primeira, a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte e Isabel Hub Faria (1983), destinada ao público universitário, não contém, na sua estrutura, espaço para a importação linguística. A diversificação sócio-cultural (parte I), tratada sumariamente, não toca no assunto. A segunda, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1984), destinada a um público alargado, incluindo o escolar, também não contempla a importação linguística. No capítulo dos conceitos gerais, os autores procedem a um aprofundamento linguístico da «noção de correcto», numa inversão da metodologia dos gramáticos tradicionais, que se preocupavam com o incorrecto, onde surgia a importação linguística, mas esta matéria nem aí vem tratada. Também a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mário Vilela (1995), constituída por três partes – gramática da palavra, gramática da frase e gramática do texto –, não

tratando da formação do léxico, ignora a neologia de importação. Este último caso não deixa de ser curioso, senão significativo, já que o autor, em outras obras, dedica alguma atenção à importação linguística.

Mais elucidativas ainda são as histórias da língua recentes. Na esteira da *História da Língua Portuguesa*, de Serafim da Silva Neto, publicada em 1957, a *História da Língua Portuguesa*, de Paul Teyssier, publicada em francês em 1980 e traduzida para português em 1982, e o *Curso de História da Língua Portuguesa*, de Ivo Castro (1991), praticamente ignoram a neologia lexical a partir de línguas modernas.

Com estas referências, não admira que as gramáticas escolares das últimas décadas abordem o assunto quase sempre sem profundidade e por vezes com pouco rigor. É caso de superficialidade a notar, pela grande difusão que tem tido, o *Compêndio de Gramática Portuguesa*, de J. M. Nunes Figueiredo e A. Gomes Ferreira (11.^a ed.: 1985), destinada ao *ensino secundário*. Sobre o «enriquecimento do léxico», dá um exemplo, em alguns casos dois, de importações de cada língua, sempre aportuguesamentos. A caracterização deste fenómeno resume-se a uma linha: «Muitos neologismos resultam da nacionalização de termos estrangeiros» (Figueiredo e Ferreira, 1985: 312). Os mesmos autores publicaram a *Gramática Elementar da Língua Portuguesa* (Ferreira e Figueiredo, s. d.), em que não é tratado o enriquecimento do léxico, estando, por conseguinte, ausente a neologia de importação. Quanto à falta de rigor, é exemplificativo *Itinerário gramatical*, de Eunice Barbieri de Figueiredo e Olívia Maria Figueiredo (1998), destinada ao ensino secundário, que exemplifica «estrangeirismo», definido como «empréstimo não integrado na língua, revelando-se estrangeiro nos fonemas, na flexão e até na grafia», com os *galicismos guiché e cachecol* e os *anglicismos pulôver e jeans* (Figueiredo e Figueiredo, 1998: 78-79). Dos quatro exemplos dados, apenas *jeans* é de facto estrangeirismo, ou seja, «empréstimo não integrado na língua». Os restantes são aportuguesamentos (empréstimos integrados) de, respectivamente, *guichet, cache-col e pullover*.

A ausência nas gramáticas da caracterização da importação linguística e das suas consequências lexicais e gramaticais harmoniza-se bem com os programas escolares, igualmente lacunares ou superficiais. O resultado é a omissão desta matéria no ensino básico e também no secundário, o que representa uma grave lacuna na formação linguística dos alunos, impreparados para lidar com os numerosos corpos estranhos da língua, tanto a nível da compreensão como da produção. A desvalorização do ensino da gramática, a todos os níveis, tem conduzido a uma fraca competência lexical dos falantes, ou seja, neste caso, uma menor consciência dos elementos estrangeiros e da sua assimilação. Sem um conhecimento explícito da gramática do léxico, os juízos de aceitabilidade de adaptações fonológicas, morfossintáticas, de decalques e de traduções de unidades estrangeiras são frágeis. Além disso, a capacidade de recurso a formas vernáculas alternativas, disponíveis ou potenciais, é igualmente diminuída.

É urgente criar instâncias institucionais reguladoras da entrada de neologismos de importação na língua, mas não é menos urgente assegurar, através do ensino, a eficiência do principal meio de regulação – a acção dos falantes. Urge definir e aplicar uma política da língua que permita a articulação harmoniosa destes dois níveis. A acção

institucional, sem a consciência linguista dos falantes, poderá conduzir a um intervencionismo tido por artificial e, portanto, pouco produtivo. Seria de algum modo a reedição do purismo, que nunca chegou à massa falante e se extinguiu naturalmente na segunda metade do século XX.

Nas questões colocadas a esta mesa-redonda é usada, com alguma coragem, a expressão «defesa da língua». Não será fácil defender a língua se ela não se deixa defender, como diria o Padre António Vieira. Os puristas tiveram disso a prova. Não há autoridade capaz de inverter o sentido dos tempos. Os filólogos do início do século XX, dos quais, para este efeito, destacamos Gonçalves Viana e Leite de Vasconcelos, não conseguiram levantar o pretendido dique à entrada de estrangeirismos. Gonçalves Viana ainda alimentava a utopia do imediato aportuguesamento ou erradicação de «palavras estrangeiras» que «devem revestir feições nacionais, ou ser de todo desterradas da linguagem e escrita usuais, e pena é que até já em documentos oficiais figurem.» (Viana, 1904: 82-83). Leite de Vasconcelos associa «falta de dignidade» ao uso de estrangeirismos e considera «patriotas» os que os censuram» (Vasconcelos, 1928: 279).

O conceito de patriotismo linguístico parecerá hoje anacrónico, e o nacionalismo linguístico, definido como «*um patriotismo activo*» por Fernando Pessoa (Pessoa, 1997: 68), nunca se terá configurado, mas o sentimento de apego à língua materna, que Uriel Weinreich, na sua obra clássica sobre a importação linguística, designou por «*language loyalty*» (Weinreich, 1979: 99), mantém-se presente em cada falante e cauciona políticas de defesa e preservação. Não se trata já do purismo estreito, mas do acautelamento da índole da língua sem prejuízo do seu desenvolvimento para competir com outras línguas internacionais. São instrumentos dessa competição as terminologias científicas e técnicas, que tendem a ser cada vez mais de base inglesa. Os termos já não são hoje travados nem a sua origem renegada, que é a do próprio progresso, como sucedia por parte dos puristas do passado. Mas o seu elevadíssimo número, com as características fonológicas e morfossintáticas próprias do inglês, constitui uma pressão sobre a estrutura da língua, muito particularmente quando, por banalização, entram na língua comum, que só pode ser aliviada através de uma intervenção reguladora e da consciência linguística dos falantes.

A importação lexical é de sempre. O que tem variado é o volume do caudal e a resposta assimiladora pela língua. A utopia de Gonçalves Viana era ao mesmo tempo saudosismo do tempo em que os aportuguesamentos eram imediatos. A partir de meados do século XIX inicia-se um período de saturação, ou seja, a capacidade assimiladora da língua vai diminuindo na directa proporção do aumento das unidades estrangeiras importadas. Os gramáticos puristas negam-se a admitir o óbvio, mas os dicionaristas, não raro também puristas, não puderam durante muito tempo fazê-lo, já que tinham que dar conta do léxico real. Não podendo ignorar, mas não querendo descrever, durante décadas do século XIX proscreveram, numa luta inglória contra os invasores. Com as sucessivas edições do Morais na liderança, os dicionários portugueses davam entrada a unidades estrangeiras para as condenaram, invocando para isso a autoridade do *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza*, que por *descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza*

moderna; com o juízo crítico das que são adoptáveis nella, de Francisco de S. Luiz (1816), publicado pela Academia Real das Sciencias.

Esta luta contra os estrangeirismos, em todas as frentes, abrandou nas últimas décadas do século XIX. Tiveram nisso papel importante Adolfo Coelho e Caldas Aulete, nos domínios gramatical e lexicográfico. O *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, de Caldas Aulete (1881), regista desinibidamente as unidades estrangeiras. No seu seguimento, o próprio Morais decide, na 8.^a edição (1890-1891), dar-lhes guarida, mas em anexo.

São ou não as palavras estrangeiras em uso unidades da língua? Esta a questão que sempre se pôs aos dicionaristas. Para o Morais, a partir da 8.^a edição, nem parecem ser nem deixar de ser: regista-as, em elevado número, mas à parte. O mesmo sucede com o Dicionário da Porto Editora e outros modernos. Para maior indefinição, estes dicionários dão também entrada a muitas unidades estrangeiras no corpo do dicionário, em sobreposição ou não com as do anexo, sem critério aparente. A oscilação entre o registo e a omissão é particularmente acentuada no *Nóvo Diccionario da Língua Portuguêsa*, de Cândido de Figueiredo. A 1.^a edição (1899) regista as unidades estrangeiras da época em uso, sendo retiradas na 2.^a edição (1913). O estatuto da cabeça de artigo, marcada tipograficamente ou não, pode ser indicador da atitude do lexicógrafo. É drástico o dedo apontado no *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de J. I. Roquette (1848), e é discriminatória a cruz no Dicionário de Cândido de Figueiredo (1899), o itálico na 7.^a edição do Dicionário da Porto Editora (Costa e Melo, 1994), abandonado na 8.^a, e no Dicionário Universal (1995), ou ainda a seta e o asterisco noutros dicionários. Entretanto, a generalidade dos dicionários do século XIX não utiliza marca tipográfica como sinal de proscricção, o que impede retirar conclusões. De qualquer modo, parece claro que o Dicionário da Academia (2001), ao registar um número elevado de palavras estrangeiras no corpo do dicionário, sem marca tipográfica, dá a indicação, através do seu peso institucional, de que estas são unidades da língua. Teresa Cabré tem exactamente o entendimento de que as palavras estrangeiras, mesmo não adaptadas, quando incluídas no dicionário, são, no caso, palavras catalãs (Cabré, 1995: 56). É esse também o senso comum: se vem no dicionário, é palavra da língua. A atenção dedicada pela comunicação social à publicação do dicionário da Academia centrou-se neste domínio (com o esquecimento injusto das importantes inovações descritivas). Para além da polémica dos aportuguesamentos, os jornalistas aguardavam a confirmação do registo de certas formas de origem para se certificarem da sua legitimidade.

O sentimento crescente de que as unidades lexicais estrangeiras constituem património linguístico, desenvolvido a partir da força da imagem gráfica, cria nos falantes resistências à adaptação ou substituição, notórias nas reacções públicas a alguns aportuguesamentos registados no Dicionário da Academia. Este é um dado próprio do permissivismo actual que deverá ser levado em conta em qualquer intervenção normalizadora. Reagem à desapropriação ou modificação dos significantes estrangeiros e, ao mesmo tempo, aceitam formas híbridas (*cartoonismo*, *voyeurismo*) e mantêm-se indiferentes a outros tipos de interferências adulteradoras da índole da língua, como

flexões e concordâncias (*impressões offset, raios laser, voos charter*), decalques morfossintáticos (*pausa café, zona euro*) e semânticos (*nomear*, do ing. *nominate* «propor»; *realizar*, do ing. *realize* «perceber»; *salvar*, do ing. *save* «guardar»).

Esta atitude dos falantes permite uma deriva descontrolada da língua, já que algumas interferências tendem a fazer carreira. Este perigo é ainda agravado por o sentido das mudanças não ser o mesmo em todo o espaço da língua, aprofundando-se desde logo o fosso entre as duas normas, a europeia e a brasileira. As diferentes soluções de aportuguesamento são a parte mais visível. Basta apontar o caso das palavras estrangeiras iniciadas por *s* seguido de consoante e verificar que se é *esnobe* no Brasil e *snobe* em Portugal (do ing. *snob*) ou que se tem *estresse* lá e *stresse* cá (do ing. *stress*). Os critérios, gráfico ou fonético, podem não ser coincidentes. Assim, podemos ver *rúgbi* no Brasil pelo primeiro e *râguebi* em Portugal pelo segundo (do ing. *rugby*). Do mesmo modo, lemos a *mídia* brasileira e os *media* portugueses (do ing. *mass media*). E o *champô* em Portugal é bem diferente do *xampú* usado no Brasil (do ing. *shampoo*).

Os critérios de adaptação de unidades estrangeiras, gerados pelo uso e por isso nem sempre uniformes, são desconhecidos. As gramáticas e particularmente os dicionários, que os seguiram, nunca os explicitaram. As políticas intervencionistas da língua no passado, compreende-se, não os inventariaram nem os definiram. Uma acção normalizadora nesta altura assemelhar-se-á à dos primeiros gramáticos sobre a ortografia, ou seja, deve partir do uso, do qual deverá extrair princípios e critérios a aplicar às novas situações. Fernão de Oliveira dá-nos um bom exemplo de determinação desses critérios, na análise do aportuguesamento de *arcabuz*, do al. *Hakenbüchse*, pelo fr. *arquebuse* (Oliveira, 1536: 43), que devem ter como referência «a tipologia fonológica e morfológica portuguesa, fixada pelo acervo dos vocábulos populares, provenientes do latim vulgar» (Câmara, 1985: 191)

Pode-se concluir que a regulação institucional da importação lexical é necessária e urgente, para evitar a descaracterização da língua, salvaguardar a sua unidade e torná-la mais competitiva junto das outras línguas internacionais. Mas essa regulação, uma espécie de «dirigismo mitigável, sem militância nem leis contra as palavras estrangeiras» (Schmidt-Radefeldt e Schurig, 1997: 10), não pode ser imposta artificialmente, deve assentar no uso e deve ser aferida pela consciência linguística dos falantes, só conseguida através do desenvolvimento da sua competência lexical, que compete à escola promover.

Referências

- Academia das Ciências de Lisboa (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2 vols. Lisboa: Editorial Verbo.
- Aulete, Julio Caldas (1925) *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. 2 vols. 2.^a ed. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira. 1.^a ed.: 1881.
- Cabré, María Teresa (1995) Sobre manlleus i diccionaris. In *Estudis de lingüística i filologia oferts a Antoni M. Badia i Margarit*, III. Barcelona: Universitat de Barcelona / Pulicacions de l'Abadia de Montserrat, pp. 39-61

- Câmara Jr, J. Mattoso (1985) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Padrão. 1.^a ed.: 1975.
- Castro, Ivo (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Univ. Aberta.
- Costa, Almeida & A. Sampaio de Melo (1994) *Dicionário da Língua Portuguesa*. 7.^a ed. Porto: Porto Editora. 8.^a ed.: 1998.
- Cunha, Celso & Luís F. Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1995) Lisboa: Texto Editora.
- Ferreira, A. Gomes & J. M. Nunes FIGUEIREDO (s./d.) *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Figueiredo, Cândido de (1899) *Nôvo Dicionário da Língua Portuguêsa*. 2 vols. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão. 2.^a ed.: 1913.
- Figueiredo, Eunice Barbieri de & Olívia Maria Figueiredo (1998) *Itinerário Gramatical*. Porto: Porto Editora.
- Figueiredo, J. M. Nunes & A. Gomes FERREIRA (1985) *Compêndio de Gramática Portuguesa*. 4.^a reimpr. da 11.^a ed. Porto: Porto Editora.
- Luiz, Francisco de S. (1846) *Glossario das Palavras e Frases da Língua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella*. 3.^a ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. 1.^a ed.: 1816.
- Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte & Isabel Hub Faria (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Morais Silva, António de (1890-1891). *Diccionario da Língua Portuguesa*. 2 vols. 8.^a edição revista e melhorada. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense. 1.^a ed.: 1789; 2.^a: 1813; 3.^a: 1823; 4.^a: 1831; 5.^a: 1844; 6.^a: 1858; 7.^a: 1877-1878; 9.^a: s. d.; 10.^a: 1949-1959.
- Neto, Serafim da Silva (1979) *História da Língua Portuguesa*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Presença. 1.^a ed.: 1957.
- Oliveira, Fernão (1536) *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Edição fac-similada. 2.^a ed. 1998. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Pessoa, Fernando (1997) *A Língua Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Roquette, J. I. (1858). *Diccionario da Língua Portugueza de José da Fonseca, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado*. Pariz: Aillaud, Monlon e C.^a 1.^a ed.: 1848.
- Schmidt-Radefeldt, Jürgen & Dorothea Schurig (1997) *Dicionário dos Anglicismos e Germanismos na Língua Portuguesa*. Frankfurt am Main: Verlag Teo Ferrer de Mesquita.
- Teyssier, Paul (1982) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora. Trad. de Celso Cunha do fr. *Histoire de la langue portugaise* (1980).
- Vasconcellos, J. Leite (1928) *Opusculos*. Vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Viana, A. R. Gonçalves (1904) *Ortografia Nacional. Simplificação e Uniformização Sistemática das Ortografias Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso.

In: Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, 2004, pp. 33-54.
(versão pré-publicação)

Vilela, Mário (1995) *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
Weinreich, Uriel (1979) *Languages in Contact. Findings and Problems*. 9.^a ed. Paris /
New York: Mouton / Hague. 1.^a ed.: 1953.